



ENSINO DE HISTÓRIA, COTIDIANO E LITERATURA: A ESCRAVIDÃO NO CONTO PAI CONTRA MÃE (1906) DE MACHADO DE ASSIS

RAUL COSTA DE CARVALHO*

Durante muito tempo, as experiências diárias dos seres humanos não foram consideradas importantes na pesquisa histórica. As ações do dia a dia, aquilo que era habitual na vida das pessoas, como as condições de moradia, de alimentação, o uso de objetos e os costumes, por seu caráter repetitivo e impessoal, foram relegados como desnecessários para a compreensão das sociedades. Foi principalmente a partir dos anos 1980 que muitos historiadores começaram a olhar com mais atenção para a dimensão cotidiana da vida humana, tomando-a como uma perspectiva privilegiada para se compreender as experiências concretas dos indivíduos, sobretudo as diferentes relações de dominação e resistência nas quais estão inseridas as classes populares em diferentes espaços/tempos.

Os filósofos Agnes Heller (2011), Karel Kosik (1964) e o historiador Michel de Certeau (1994) são exemplos de pensadores que ajudam a compreender a complexidade da vida cotidiana. Os dois primeiros dirigem seus estudos partindo de uma mesma preocupação: o fenômeno da alienação. Para eles, na apropriação dos elementos da cotidianidade de seu grupo e sociedade, os indivíduos vão se fragmentando em papéis sociais, construídos, reforçados e mantidos por aparatos de controle e disciplinarização pouco visíveis. Quanto mais identificado com seu papel ou papéis sociais, mais precisamente se revela a alienação. Por outro lado, Michel de Certeau analisa como dentro da própria vida cotidiana é possível o desenvolvimento de formas de subversão às imposições dominantes e diferentes meios de alienação. O cotidiano é, pois, para o autor, um espaço de resistência. Nele as pessoas comuns desenvolvem procedimentos, chamados de táticas, que de forma inconsciente e temporária jogam com os mecanismos de disciplinarização impostos pela ordem dominante por meio de estratégias, alterando-os de acordo com suas necessidades.

A partir destas reflexões sobre a vida cotidiana, é possível compreender que se trata de uma perspectiva extremamente complexa, que possui um grande valor para a compreensão e explicação de diferentes realidades. Portanto, incorporar ao trabalho do professor de História a perspectiva do cotidiano significa um enriquecimento analítico importante, relativizando o

* Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

peso do reducionismo estrutural e institucional, e permitindo reconstituir de forma mais completa o espaço e o tempo das práticas sociais.

O ensino de História pela perspectiva do cotidiano pode ser feito de variadas formas. Como ocorre com qualquer tema, o professor tem a sua disposição uma enorme quantidade de materiais possíveis de serem trabalhados com os alunos. Entre eles estão os contos de Machado de Assis (1839 – 1908). Importantes estudiosos da prosa machadiana, como o crítico literário Roberto Schwarz (2012) e o historiador Sidney Chalhoub (2003), percebem a narrativa desenvolvida nas obras do escritor como uma representação de mundo coerente e verossímil de parte da estrutura social brasileira. Assim, em sala de aula, a interpretação que Machado fez da realidade de seu tempo pode ser utilizada como um recurso importante para se compreender parte das experiências vividas pelas pessoas no Brasil do século XIX. Neste sentido, propomos uma interpretação do conto *Pai contra Mãe* (1906), explorado como um recurso didático por meio do qual é possível acessar os conteúdos da vida cotidiana no Brasil do século XIX e, a partir deles, construir conhecimentos em sala de aula, tendo como objeto de aprendizagem a “condição escrava” no Segundo Reinado.

A condição escrava no conto *Pai contra Mãe*

A escravidão, embora esteja presente em boa parte das histórias de Machado de Assis, aparece de forma mais direta em toda sua brutalidade na obra do escritor principalmente após a Abolição. O conto mais marcante sobre esta instituição é *Pai contra mãe*, publicado em 1906 na obra *Relíquias da Casa Velha*.

O conto é um bom instrumento para se ensinar a condição escrava durante o Segundo Reinado. Embora esta tenha se alterado muito ao longo do período, ser escravo foi, durante todo o tempo em que durou a escravidão, ser um sujeito privado legalmente de liberdade, considerado pela lei uma “mercadoria”. No entanto, como bem tem sido explorado pela historiografia recente², o escravo também era uma figura ativa no contexto histórico da

² A partir principalmente dos anos 1980, houve uma mudança importante na historiografia sobre a escravidão no Brasil. Até então centrada na violência e repressão como forma de manutenção do sistema escravista, nas últimas décadas foram produzidos importantes trabalhos que procuraram resgatar o papel ativo do escravo na criação de melhores condições de vida. Para uma visão mais ampla desta virada nos estudos sobre a escravidão, ver CHALHOUB (1990).

escravidão, protagonista na construção das condições do cativo e na abertura de possibilidades para a liberdade. Tais características essenciais da “experiência do cativo” podem ser construídas em sala de aula a partir de situações e informações presentes no conto.

Já no início do texto, Machado descreve alguns dos meios utilizados pelos proprietários para exercer o controle sobre os cativos: o ferro ao pescoço, “aplicado aos escravos fujões”³; “apanhar pancada” ou uma simples repreensão. Contra tais punições, a fuga tornou-se uma prática corrente, como também eram os anúncios de escravos fugidos nos jornais. A partir dos primeiros trechos é possível compreender o cotidiano violento vivenciado por milhares de pessoas escravizadas. A condição escrava se efetivava a partir de certas práticas diárias, repetitivas na vida das pessoas. Uma delas era o uso de objetos de punição e castigo, que serviam para modelar o comportamento dos cativos, mantê-los submissos, obedientes, com o objetivo de evitar as fugas e quaisquer outras ações que pudessem prejudicar seu trabalho ou a autoridade dos senhores. A violência era um elemento fundamental da relação entre senhores e escravos e na manutenção do sistema escravista. Outro aspecto comum era a presença diária das fugas nos jornais e em outros espaços públicos de anúncio, o que mostra uma resistência à dominação dos senhores. A imprensa era utilizada como forma de controle e recaptura dos escravos. Tal situação estava presente no dia a dia das pessoas que andassem nas ruas e tivessem o hábito de ler periódicos. Com isso, afirmava-se a condição legal da escravidão, bem como a tentativa de “coisificação” do escravo diante da população, tornando-o e considerando-o propriedade, algo que tinha somente valor financeiro.

A partir de então, conta-se a história de Cândido Neves, homem pobre que tinha como ofício “pegar escravos fugidos”. A história toda se passa na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1850. Vivendo de favores e aluguel, sem dinheiro suficiente para garantir as necessidades mais básicas de sobrevivência e na iminência de ter que entregar um filho recém nascido para adoção em função desta extrema pobreza, Cândido deposita suas esperanças na captura de uma escrava - de nome Arminda – pelo que o dono recompensava com alta quantia. A história termina com uma cena cruel e trágica: em meio a lutas, choros e pedidos de socorro, Arminda é capturada e devolvida ao seu senhor, descrito pela escrava como

³ O conto foi acessado on-line, por isso não há paginação nas citações. É possível acessar este e a obra completa do escritor no site www.machadodeassis.ufsc.br. Acessado pela última vez em 25 de julho de 2017.

“muito mau”, que “provavelmente a castigaria com açoites”. Cândido pode manter seu filho, graças ao dinheiro recebido, enquanto Arminda, grávida, “levada do medo e da dor”, perde o seu em consequência de um aborto.

Em *Pai contra a mãe*, Machado de Assis permite uma compreensão densa e complexa das relações entre os diferentes grupos sociais. Nem Cândido, tampouco Arminda são membros de classes abastadas da sociedade, mas as dificuldades de sobrevivência e a instituição da escravidão impõem a opressão de um sobre o outro. A pobreza e dependência aproximam os personagens, mas a noção de propriedade os distancia. A escravidão não se manteve durante tanto tempo apenas por causa do controle direto exercido pelos senhores sobre seus escravos, mas também pela aceitação de grande parte da sociedade, inclusive pessoas livres e pobres, de sua legitimidade⁴. A legalidade da escravidão não se efetivava somente pela existência de leis, mas de como elas se afirmavam no dia a dia das pessoas - através de objetos, anúncios, recompensas, ofícios - fazendo com que muitos indivíduos enxergassem no escravo uma propriedade, contribuindo para a manutenção e reforço deste sistema de dominação.

Apesar disso, na história de *Pai contra mãe* há várias possibilidades de se abordar a escravidão para além da visão do “escravo coisa”, já tão contestada pela historiografia⁵. O conto é também uma importante ferramenta para se analisar a subjetividade dos escravos e suas capacidades de negociar as condições do cativo em seu favor. As fugas, cada vez mais frequentes durante o Segundo Reinado, ajudavam a corroer a legitimidade do escravismo, além, é claro, de ser o efeito explícito da não adequação dos cativos ao papel social que lhes era imposto. A partir delas, é possível compreender que o escravo não era um sujeito passivo, totalmente submetido às condições desumanas do sistema. A violência excessiva não era aceita, o castigo frequente poderia ter o efeito contrário ao desejado pelo senhor: em vez de submeter o escravo, inviabilizar sua autoridade sobre ele. Ou seja, sem negociações para a

⁴ Tal situação pode ser interpretada a partir da definição de alienação de Heller e Kosik, discutida na primeira parte do artigo, em que os autores compreendem o cotidiano como o espaço em que, por meio de uma série de práticas repetitivas, os aparatos de controle e disciplinarização impostos pela ordem dominante vão fragmentando o comportamento das pessoas em diferentes papéis sociais, contribuindo para que se mantenham e reforcem sistemas de dominação como, por exemplo, a escravidão.

⁵ O termo é uma referência à “teoria do escravo-coisa”, criada por Sidney Chalhoub na obra *Visões da Liberdade* (1990), em que o autor critica a ideia de passividade e anomia dos escravos presente nos estudos anteriores sobre a escravidão no Brasil.

abertura de brechas de liberdade a escravidão não teria se mantido por muito tempo⁶. Muitos, assim como Arminda, fugiam, reagiam, se articulavam socialmente, enfim, resistiam. Não apenas uma resistência organizada e de grandes dimensões como a criação de Quilombos, mas também em pequenos momentos cotidianos. Assim, ao mesmo tempo em que Machado ressalta o exercício costumeiro da violência, em suas páginas é possível ver também uma cidade em que escravos circulam pelas ruas sozinhos, com certa autonomia, fogem com frequência, desenvolvem relações familiares e de amizade - às vezes com os próprios senhores - que os protegem em momentos de dificuldade e permitem amparo para aqueles que, como Arminda, evadem. Tais situações são evidências da subjetividade destas pessoas, das práticas de improvisação dentro de uma estrutura opressora, das possibilidades de resistência em uma sociedade que os considerava objetos de direito, enfim, do protagonismo destes sujeitos no enfraquecimento da escravidão. Tais características também devem estar presentes em uma situação de aprendizagem que tenha como objetivo compreender a condição escrava no Segundo Reinado.

A interpretação acima realizada do conto foi feita tendo como perspectiva de análise a dimensão cotidiana da vida humana, baseando-se nas considerações de Heller, Kosik e Certeau. A partir desta leitura da obra, elaborou-se um conjunto de atividades direcionadas aos alunos. O objetivo era que os estudantes também compreendessem, por meio da narrativa de Machado, as características da “condição escrava” que foram identificadas e discutidas na análise do conto. Tais atividades foram aplicadas em sala de aula, em forma de um trabalho avaliativo. O que segue, portanto, é uma descrição destas aulas e uma discussão dos resultados obtidos com os alunos. As perguntas feitas aos estudantes e o modo como se deu o trabalho com eles será exposto de forma detalhada nas páginas seguintes.

Descrição das aulas

As atividades foram aplicadas em quatro turmas de 8º ano do Ensino Fundamental na cidade de Gramado/RS: Turma A, composta de 28 alunos; Turma B, com 26 estudantes;

⁶ Tais negociações podem ser lidas a partir das noções de estratégia e tática desenvolvidas por Certeau, já discutidas anteriormente. Constituíam-se em formas de manter a dominação dos senhores sobre os escravos diante do enfraquecimento de seu poder de mando, mas ao mesmo tempo criavam fissuras no sistema de dominação que poderiam ser exploradas pelos cativos para a vivência de práticas cotidianas que contrariavam o papel social esperado deles pelos senhores, contribuindo ainda mais para debilitar as bases da escravidão.

Turma C, com 14 alunos; e Turma D, com apenas 7. No total, foram 41 trabalhos entregues - já que nas turmas maiores as atividades puderam ser respondidas em duplas ou trios - com um tempo de duração que variou entre três e quatro períodos. Ao longo das aulas, na medida do possível, foram feitas algumas anotações de comentários, perguntas e demais reações dos alunos, considerados importantes por demonstrarem como se deu sua interação e entendimento da história do conto. Após a descrição, é realizada uma análise do material escrito respondido pelos estudantes. Para esta etapa, as perguntas da atividade foram agrupadas em duas categorias, de acordo com os objetivos educacionais propostos.

As aulas se iniciaram com a leitura do conto pelo professor, acompanhada pelos alunos no texto impresso que receberam. A leitura foi interrompida uma única vez, na Turma D, após o quarto parágrafo. Nesta parte, em que se descrevem os objetos de punição aplicados aos escravos, a aluna V. F.⁷ fez a seguinte afirmação: “nossa os escravos eram ‘tipo bicho’”. Como foi uma afirmação, e não uma pergunta, prosseguimos a leitura sem mais nenhuma parada. O comentário foi registrado posteriormente por ser revelador da impressão que o conto causa em seu início, do escravo como uma mercadoria viva. Tal característica, facilmente identificada no início do conto, fazia parte da condição escrava que se pretendia ensinar, mas era importante que a ela se somassem outros componentes essenciais que caracterizavam o ser escravo, como a sua agência e subjetividade, para além desta que era uma visão predominantemente senhorial.

Análise dos resultados: compreendendo a condição legal da escravidão

As primeiras questões da atividade tinham como objetivo principal compreender os aspectos legais da condição escrava, como a privação da liberdade e a noção de propriedade associada a estes indivíduos, que os diferenciavam do resto da população. Para a resolução da primeira questão - a identificação e descrição dos personagens referenciados no título do conto - solicitou-se que os alunos atentassem para as condições de vida e as relações sociais desenvolvidas por Cândido Neves e Arminda. Sobre o primeiro, os alunos ressaltaram questões como sua pobreza, o ofício de pegar escravos, o fato de viver de aluguel ou de favor

⁷ Para preservar a identidade dos alunos, seus nomes foram abreviados com as letras iniciais do primeiro e último nome.

e de morar com a tia e a esposa. Sobre Arminda, personagem central para nossos objetivos, segue abaixo uma tabela com as quatro características mais frequentes nas respostas:

Escrava	33 menções
Fugitiva	28 menções
Estava grávida	22 menções
Trabalhava/vivia com seu senhor/dono	14 menções
Possuía um amante/relacionamento	13 menções

Apenas dois alunos não identificaram Arminda como a personagem principal, mas sim Clara, a mulher de Cândido Neves. Todos os treze trabalhos que mencionaram a existência de um amante na vida da escrava foram produzidos nas Turmas A e B. Em ambas, duas alunas perguntaram em voz alta se a personagem apenas se relacionava com seu senhor. Na Turma B, após o questionamento, outra aluna imediatamente respondeu que “se ela ‘tava’ grávida é porque tinha alguém”. Sem dar uma resposta definitiva, foi lida novamente para os alunos a passagem do conto em que Candinho acreditava que Arminda havia sido acolhida por um amante⁸. As intervenções das alunas parecem ter influenciado parte das turmas, pois em mais da metade dos trabalhos entregues – 13 de 22 - foi identificado um possível relacionamento afetivo da escrava, como pode ser visto nas respostas a seguir:

“A mãe era Arminda que trabalhava para seu senhor porém fugiu e conviveu com outras pessoas e ficou grávida”. (R. B. e G. R.)

“Ela era escrava, provavelmente ela tinha uma relação, era pobre, estava grávida, ela morava com seu senhor.” (G. M)

“Arminda, escrava, tinha um amante, era fugitiva, vivia com seu senhor e depois fugiu.” (A. C.)

“Arminda, pobre, vivia com seu amante após ter fugido.” (K. N.)

“Arminda – escrava, tinha um filho e no texto sugere que ela tinha um amante”. (P. G. e E. D.)

O possível vínculo de Arminda com outras pessoas, além de seu senhor, é um ponto importante que deve ser trabalhado na história, pois é revelador das diferentes relações sociais

⁸ “Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio; imaginou que algum amante da escrava a houvesse recolhido”.

estabelecidas pelos escravos e como tais relações constituíam-se em táticas⁹ de resistência cotidiana dentro do cativeiro. Não se esperava que os alunos percebessem tal situação já na primeira atividade, mas o fato de ter acontecido, ainda que não por todos, é um indício da compreensão da condição escrava para além de seu aspecto jurídico, ou seja, de propriedade.

Na segunda questão, pediu-se que os alunos identificassem as semelhanças e diferenças entre os dois personagens principais. O objetivo era que percebessem a situação de pobreza que os aproximava e a noção de escravidão que os diferenciava. As respostas foram agrupadas da seguinte maneira:

Arminda era escrava e Cândido livre	30
Ambos tinham filhos	28
Eram pobres	20
Outras	8

A maior parte identificou a diferença principal entre os personagens e um número menor conseguiu apontar as semelhanças. Em relação à terceira atividade - *Quais eram os objetos utilizados para castigar os escravos? Quais os objetivos destes castigos?* - todos os 41 trabalhos reconheceram facilmente os objetos de punição usados pelos senhores. A maioria assinalou a possibilidade de fuga como o motivo principal de seu uso. Tal questão tinha como finalidade que os alunos compreendessem os aparelhos como forma cotidiana de controle comportamental, adequando o escravo a um determinado papel social que estivesse de acordo com os interesses dos proprietários.

A questão seguinte – *Por que muitas vezes a punição era “moderada”?* – tinha dois objetivos: compreender o escravo do ponto de vista senhorial, sua noção de um bem com valor financeiro, mas também introduzir a percepção da importância de suas ações para obter melhores condições de cativeiro. As respostas dos alunos foram classificadas de acordo com dois critérios: aquelas que indicam que os estudantes alcançaram os dois objetivos – escravo propriedade e sujeito - e os que identificaram apenas um dos dois.

⁹ Táticas no sentido empregado por Certeau, compreendida no caso específico do conto como movimentos cotidianos de liberdade aproveitados pelos escravos, constituindo-se em possibilidades de resistência sem, no entanto, objetivar ou provocar a ruptura com o sistema escravista.

Escravo propriedade e sujeito	16
Escravo propriedade	17
Escravo sujeito	8

Tomaram-se como exemplos de respostas que alcançaram os dois objetivos aquelas que mencionam o valor atribuído pelo senhor ao seu escravo e também a possibilidade de fuga como forma de evitar a violência, como as abaixo:

“Porque se ele batesse no escravo ele pode morrer ou até mesmo querer fugir novamente e também poderia acabar ficando doente, o que faria com que ele não produzisse e nem trabalhasse. Assim o dono não ia lucrar nada”. (E. K. e W. S.)

“A punição era moderada pois se eles batessem muito neles eles perderiam a eficácia, perdendo a utilidade no trabalho e também fugiam para não apanhar”. (R. B. e G. R.)

“Para os escravos não fugirem e eles (os senhores) continuarem com os escravos”. (D. C. e G. A.)

Ainda que respostas como estas indiquem uma visão predominantemente senhorial, pois encaram a fuga como um prejuízo para o senhor - o que, é importante mencionar, é a ideia indicada claramente pelo narrador do conto¹⁰ - o fato de registrarem a fuga associa ao escravo a possibilidade de criar condições mais favoráveis de cativo. Claro que tal noção pode não ter sido construída de forma consciente no conhecimento dos estudantes. Como dito anteriormente, neste momento inicial da atividade o objetivo era apenas introduzir a percepção de que os escravos tinham protagonismo na construção de suas circunstâncias de vida. Tal situação foi mais bem explorada em outras questões, como se verá adiante. Por outro lado, nos resultados abaixo, os alunos perceberam o destino do escravo como sendo exclusivamente dependente da vontade do senhor e do valor financeiro que este via no cativo:

“Pois punindo severamente os escravos poderiam matá-lo de forma que ele perdesse um escravo tendo de comprar outro”. (N. O. e G. F.)

“Porque os senhores não queriam matar seus escravos para não perder sua mão de obra”. (A. A. e E. P.)

“Porque ‘o dinheiro também dói’. E também porque às vezes o dono não era mau”. (L. P. e J. S.)

¹⁰ “[...] o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói”.

“Porque algumas vezes os senhores eram bons, porque os escravos dependendo do castigo o escravo poderia morrer ou ficar com sequelas graves que iria diminuir o desempenho”. (G. S. e D. J.)

A enorme quantidade de respostas que mencionam a possibilidade de o escravo morrer ou ficar aleijado por causa das punições não tem relação direta com o enredo do conto, já que em nenhum momento da história há referência a personagens que apanham até morrer ou que ficam com sequelas em função dos castigos. Tal imagem de violência extrema contra os cativos é resultado de outras representações sobre esta época, e não da trama de *Pai contra mãe*.

Nas outras oito respostas, é mencionada apenas a possibilidade de fuga como o motivo principal das punições “moderadas”. Não se aborda em nenhuma delas prováveis prejuízos desta evasão para os senhores, portanto, indicando uma leitura desta prática mais próxima do ponto de vista do escravo, distanciando-se da noção de propriedade transmitida pelo narrador.

Na próxima pergunta – *Quais eram os procedimentos adotados pelos senhores para reaver os escravos fugidos?* – quase todos colocaram a resposta esperada: a publicação de anúncios e o pagamento de recompensas. Tal questão, bem como a seguinte – *Por que nenhuma pessoa ajudou Arminda quando ela pediu socorro?* – tinham como objetivos promover uma compreensão dos meios cotidianos de afirmação da legalidade da escravidão diante da população, na medida em que tanto a frequência dos anúncios quanto o fato de as pessoas não ajudarem Arminda indicam o reconhecimento popular da noção de propriedade e de privação da liberdade dos escravos. A resposta mais comum foi a menção à condição de escrava fugitiva de Arminda. Além disso, outros comentários demonstram a compreensão da situação jurídica do escravo, como os reproduzidos abaixo:

“Porque capturar escravos era algo normal”. (A. A. e E. P.)

“Porque ela era escrava e já imaginavam o que estava acontecendo. E estariam agindo contra a lei”. (A. R.)

“Porque a lei não permitia ajudar os escravos fugidos”. (A. G.)

“Compreendiam que ela havia fugido do seu senhor”. (E. C.)

Análise dos resultados: compreendendo a agência e subjetividade dos escravos

Na segunda parte do trabalho, esperava-se que os alunos compreendessem outras características importantes das experiências vividas pelos escravos: a existência de diferentes relações estabelecidas com seus senhores, as liberdades de movimento que tinham nas cidades e o papel importante que a possibilidade de fuga tinha na construção de condições melhores de cativeiro.

Em relação à primeira - *De acordo com o texto, as relações entre todos os senhores e escravos eram iguais? Justifique sua resposta.* - seguem-se algumas resoluções:

“Não, às vezes algum de casa servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau”. (G. H.)

“Não, porque uns eram maus e outros não”. (L. G. e A. F.)

“Não, alguns senhores batiam, castigavam os escravos e outros os defendiam”. (P. G. e E. D.)

“Não porque tinha senhores bons e maus alguns deixavam os escravos saírem e outras coisas e outros eram bons por medo do escravo”. (G. S.)

“Não, porque nem todos os senhores eram maus, tinha senhores que deixavam os escravos trabalharem fora, e outros senhores eram bons porque tinham medo dos escravos”. (K. M. e A. B.)

“Não, porque às vezes as relações eram boas, quando eles eram protegidos por alguém da casa”. (G. M.)

“Não, porque alguns eram violentados, alguém da casa servia de padrinho, alguns era repreendidos, alguns fugiam mas voltavam”. (A. C.)

Como visto, as respostas são simples, algumas copiadas do conto. Mas o importante é que neste momento se compreendesse a possibilidade de diferentes relações entre senhores e escravos. Nenhum trabalho apresenta a ideia de uma única relação possível, como a da violência, por exemplo. Percebe-se que em geral os alunos seguem a ideia transmitida pelo narrador do conto de que um tratamento melhor ou pior dependia apenas da bondade ou maldade do senhor. Mas o fato de muitos terem mencionado a proteção que parte dos escravos recebia em casa e alguns, ainda que poucos, terem ressaltado o fato de escravos poderem sair e trabalhar fora – duas situações que aparecem no conto – revela um início de entendimento das margens de autonomia e sociabilidade existentes no cotidiano de muitos cativos. As respostas para a pergunta seguinte – *Quais as diferentes situações que poderiam ser experimentadas por um escravo que fugisse?* – indica por parte da maioria dos alunos, novamente, a compreensão das múltiplas possibilidades de vida dentro do cativeiro. Os

resultados foram agrupados em duas categorias: os que mencionaram o castigo como único destino do escravo que fugisse e os que ressaltaram a possibilidade de outras situações:

Castigo	10
Outras situações	28
Não respondeu	3

Aqueles que responderam apenas com a possibilidade de o escravo ser punido, em geral, mencionaram os instrumentos e formas de punição descritos no início do conto. Os que descreveram outras experiências também apontaram a probabilidade de castigo, mas ressaltaram a existência de outros cenários, como se percebe nas respostas abaixo:

“Poderia ser capturado e apanhar ou apenas ser repreendido para não fugir novamente ou ser recolhido por um amigo ou amante”. (E. L.)

“Eles podiam ficar na casa de alguém. Eles podiam apanhar ou receber castigo”. (V. S.)

“O ferro ao pescoço, outro ao pé. Mas nem todos eram castigados quando fugiam”. (L. D.)

“Alguns apanhavam, outros eram defendidos por alguém da casa do senhor”. (B. K.)

“Os que eram capturados geralmente apanhavam, outros eram repreendidos, já alguns voltavam por conta própria, o que levava-os a ter uma relação melhor com o seu senhor”. (E. K. e W. S.)

Na questão *De acordo com o conto, os escravos aceitavam a violência praticada pelos senhores? Justifique sua resposta.* - o papel ativo dos escravos aparece de forma mais clara para os alunos. Das 41 respostas, apenas três diziam que, apesar de não gostarem de apanhar, os escravos eram obrigados a aceitar a violência. Outros treze trabalhos responderam negativamente sem, no entanto, justificar a resposta. E finalmente, a maioria (25) identificou a fuga como evidência do não consentimento de uma relação baseada em agressões, como nas respostas abaixo:

“Não, quando a violência era muito forte eles fugiam”. (D. C. e G. A.)

“Não porque muitos escravos fugiam do senhor para não apanhar mais do senhor.” (A. G.)

“Muitos não aceitavam a violência e fugiam com frequência”. (P. G. e E. D.)

A fuga não pode ser considerada uma prática cotidiana do escravo. Mas está presente no cotidiano da cidade, dos senhores e de pessoas como Cândido, que dependem dela para sua sobrevivência. Está diariamente nos jornais e demais folhas públicas, no medo dos senhores, no trabalho de Candinhos. Além disso, a fuga de um escravo, ou simplesmente a possibilidade de que isso pudesse acontecer, poderia ter como consequência a transformação do dia a dia dos cativos. Uma transformação que muitas vezes era positiva para eles, pois, presente nos temores dos senhores, evitá-la exigia abrir negociações com os escravos. O resultado de tais negociações era a existência de cotidianos mais “livres” vividos por eles. Alguns destes movimentos de liberdade são explorados mais aprofundadamente nas seguintes questões: *Após a fuga, como era o dia a dia de Arminda e dos outros escravos que fugiam? E os escravos fiéis que andavam sozinhos a serviço, por que será que não fugiam? e Em determinado momento, Cândido Neves desiste de procurar Arminda. A que ele atribui as dificuldades para encontrar a escrava? O que isso indica sobre as relações sociais estabelecidas pelos escravos?* Estas duas atividades, que encerram a análise das respostas produzidas pelos alunos, são momentos fundamentais dos objetivos educacionais propostos. É a etapa em que se compreende de forma mais clara os espaços de autonomia conquistados pelas pessoas escravizadas e as táticas de sobrevivência que permitiam melhores condições de vida. Vejamos algumas respostas para a primeira pergunta:

“Ela tinha uma vida aparentemente normal, e os escravos não tinham um local para ficar e não apanhavam.” (N. O. e G. F.)

“O dia a dia era normal, ela caminhava nas ruas, ia nas lojas como se não estivesse fugindo de nada. Eram fiéis pois os donos tratavam bem”. (P. G. e E. D.)

“Era normal, pois pelo que percebemos ela caminhava pelas ruas como uma pessoa livre, mas não era seu caso. Porque talvez eles soubessem que assim sem fugir eles poderiam andar na rua normalmente e teriam um pouco de liberdade. Também pode ser que fugir os deixariam na rua pois não teriam aonde ir”. (E. K. e W. S.)

“Ela andava pelas ruas tranquila, comprando coisas. Para ganhar confiança do senhor, porque se fugiam e voltavam o senhor não confiaria mais nele.” (A. C.)

As respostas revelam três fatores importantes da compreensão dos alunos. Primeiro: a dinâmica da vida social dos escravos, que circulavam normalmente pelas cidades, confundindo-se na multidão com livres, libertos e, no caso dos escravos fugidos, como se estivessem nas ruas a serviço de seu proprietário. Segundo: as experiências de cativo mais

favoráveis vividas por alguns escravos, em que não havia violência e estes possuíam brechas de liberdade em seu dia a dia, de forma que não vissem a necessidade de fugir. Terceiro: a importância do desenvolvimento de relações sociais para possíveis resistências às condições de cativeiro, pois, segundo alguns alunos, os escravos não fugiam porque não teriam para onde ir, diferente de Arminda que, aparentemente, tinha um amante. Todas estas situações foram exploradas com os estudantes a partir de passagens do conto em que Arminda, depois de fugida, é vista circulando por algumas ruas, comprando mercadorias em uma farmácia, quando é abordada por Cândido e volta-se para ele “sem cuidar malícia”, e a parte em que Cândido “Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de coisas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido [...]”. Tais trechos do conto, que caracterizam diferentes experiências vividas por Arminda e outros personagens escravos, permitiram que a maior parte dos alunos compreendesse de forma adequada a subjetividade das pessoas escravizadas e as práticas de improvisação desenvolvidas dentro da estrutura opressora que representava o sistema escravista.

Por fim, a partir da última questão, foi possível abordar de forma mais profunda as articulações sociais desenvolvidas pelos escravos e a importância destas relações como táticas de resistência dentro do sistema escravista. Tais situações reforçam a agência destas pessoas no enfraquecimento dos mecanismos de controle social impostos pela ordem dominante. No total, em 24 trabalhos os alunos atribuem as dificuldades de encontrar Arminda após sua fuga à possibilidade de esta ter um amante, como indica a passagem do conto já referida anteriormente¹¹. Para responder a segunda pergunta desta mesma questão, muitos interpretaram o relacionamento de Arminda como parte de um fenômeno mais geral, qual seja, as relações sociais desenvolvidas pelos escravos, conforme algumas respostas a seguir:

“Porque ele achou que algum amante dela podia ter recolhido ela. Que eles podiam não só andar pelas ruas mas sim conversar com outras pessoas conviver com mais pessoas sem ser seu dono”. (E. K. e W. S.)

“Porque ele achava que ela tinha um amante e tendo um amante ela teria um lugar para ficar”. (G. S.)

“Porque Cândido achou que Arminda tinha ficado com o seu amante, que os escravos não ficavam só na casa do seu senhor por exemplo os escravos saíam para comprar algo e acabavam se relacionando com outras pessoas”. (A. G.)

¹¹ Ver a nota número 7.

“Ele achava que ela vivia com um amante, isso indica que eles se comunicavam com outras pessoas”. (A. C.)

A questão do amante já havia sido abordada por alguns em questões anteriores, como a primeira atividade, em que se descrevem características dos personagens. Porém agora tal situação aparece de modo mais claro para um número maior de alunos e com a possibilidade de explorá-la de outra forma: o relacionamento afetivo de Arminda permitiu à escrava encarar de uma maneira diferente sua situação de dominação, encontrando, por exemplo, proteção após sua fuga. Além disso, tal episódio fez com que os alunos compreendessem melhor a dinâmica da vida social de boa parte dos escravos urbanos, que estabeleciam laços de amizade com outras pessoas. Tal processo evidencia outras características importantes da condição escrava no século XIX, objetivo principal das aulas.

Avaliação da atividade

Ao longo das aulas, o diálogo entre professor e alunos esteve presente constantemente. Dúvidas foram tiradas todo o tempo, trechos do conto foram lidos e relidos em diversas ocasiões e termos utilizados pelo escritor tiveram que ser explicados algumas vezes. A partir dos questionamentos feitos pelos alunos, pôde-se perceber que sua maior dificuldade foi compreender que não havia uma resposta única para a maior parte das questões. O conto e as perguntas sobre a história tratavam justamente da existência de diversas possibilidades de vida que poderiam ser experimentadas pelos escravos. Boa parte dos alunos seguia sempre uma tendência de apontar a violência como elemento único ou preponderante das relações entre senhores e escravos. Assim, no diálogo estabelecido com os estudantes, houve um esforço em ressaltar no enredo do conto as múltiplas experiências de cativo, sendo a violência também uma delas, mas não a única e, em muitos momentos, não a principal. O objetivo de estudar a escravidão a partir de uma perspectiva da vida cotidiana tinha como um dos objetivos principais justamente demonstrar que a violência não era o único elo que prendia os indivíduos ao cativo. Mesmo sem obter a liberdade, havia dentro do sistema escravista margens de movimento que permitiam aos escravos agirem de forma mais autônoma, o que contribuía também para o enfraquecimento deste sistema.

Além da situação histórica específica que foi trabalhada em sala de aula – a condição escrava no Segundo Reinado – a escolha pelo cotidiano como perspectiva e da literatura como

recurso didático tinha outro objetivo: a compreensão de que a vida dos sujeitos está inserida em um campo de possibilidades, que varia de acordo com uma série de condições que estão além da vontade dos indivíduos. Esta, como discutido anteriormente, era uma das grandes dificuldades dos alunos no início da atividade. Ao final, a maior parte dos estudantes percebeu que estava analisando vidas humanas que, como tal, são marcadas por múltiplas experiências possíveis, e que estas dependem das circunstâncias históricas dadas em determinado espaço/tempo. Este foi um dos grandes êxitos da atividade, possível graças ao referencial teórico, que permitiu analisar de forma mais densa as relações sociais, e ao material empírico escolhido, que aproximou os alunos da subjetividade dos personagens e das trajetórias viáveis em um contexto histórico específico. Assim, tornou-se possível compreender parte dos condicionamentos que limitam as condições de vida dos seres humanos, neste caso, das pessoas escravizadas no Brasil da segunda metade do século XIX.

Por fim, é importante ressaltar que as atividades desenvolvidas, bem como a interpretação do conto, são apenas sugestões. Sabemos que no ensino de História, assim como na pesquisa, não há uma forma única e definitiva de abordar o mesmo material. Cabe ao professor/pesquisador tratá-lo de acordo com os seus objetivos e com os interesses e necessidades de seu público.

Referências Bibliográficas

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

KOSIK, Karel. *La cotidianidad y la historia*. In: *Dialéctica de lo Concreto*. México, Grijalbo, 1963. p. 92-104.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2012.

